

BB negocia crédito com Dauster

**Governo brasileiro
acumula dívida com
o banco que atinge
US\$ 5,8 bilhões**

RIO — O Banco do Brasil, maior credor da dívida externa brasileira, não participa do comitê de bancos credores e, na próxima semana, vai negociar, separadamente, o pagamento de seu crédito de US\$ 5,8 bilhões com o negociador da dívida, embaixador Jório Dauster. Responsável por essa negociação, o diretor da área internacional do Banco do Brasil, Narciso da Fonseca Carvalho, concorda em conversar a partir da proposta do governo brasileiro de reescalonar a dívida em prazos entre 15 e 45 anos, mas,

como os demais bancos credores, adverte: "A moratória do principal é administrável, o que é gravoso e cria buraco de caixa é a moratória dos juros".

Apenas 5% da dívida com o Banco do Brasil pertence ao setor privado. O restante é de responsabilidade do setor público e no total de US\$ 5,8 bilhões estão incluídos juros e principal vencidos e a vencer. O Citibank e o Chase Manhattan — os dois maiores credores estrangeiros — acumulam créditos menores do que o Banco do Brasil. Mesmo assim o BB nunca integrou o comitê de bancos, já que por muito tempo fez parte da equipe de negociadores brasileiros, o que o deixava na dupla situação de defender dois interesses antagônicos.

Narciso da Fonseca Carvalho diz que irá para Brasília concordando em discutir com o BB a partir da proposta brasileira, mas demonstra disposição de cobrar pagamento dos juros, mesmo que reduzidos. "Os prazos foram definidos na proposta, mas não se quantificou nada em relação aos juros", lembra o diretor do BB.

O BB, segundo Narciso Carvalho, não terá problema para se adaptar à Resolução nº 1.754, baixada pelo Banco Central na semana passada, que determina que as agências de bancos brasileiros no exterior façam provisões para adequarem seu patrimônio líquido a pelo menos 25% do total de papéis da dívida brasileira em seu poder.

Essa providência visa prevenir as agências de bancos no Exterior de possíveis retaliações de bancos estrangeiros, negando linhas de crédito dos projetos três e quatro, quando elas vencerem em março de 1991. Essas agências precisam da participação de bancos estrangeiros, sobretudo para fecharem suas operações no mercado interbancário. Se ficarem a descoberto de provisões de recursos, podem ser obrigadas a fechar suas portas no Exterior. O patrimônio líquido das agências do BB fora do País, segundo seu diretor, já corresponde hoje, em média, a 45% do portfólio de débitos brasileiros e o propósito é elevar esse percentual para 80% nos próximos meses.